



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464824, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464824

Dossiê

Fernando Couto

Nélson Saúte

*Elegância devia ser o teu nome
ou mesmo graça e harmonia
ou ainda leveza, etérea leveza.*

Fernando Couto

Convivi inicialmente com o poeta Fernando Couto quando entrei para a Escola de Jornalismo em 1987, que ele dirigia, com a ajuda da mulher, Maria de Jesus, ambos de grata e saudosa memória, pela excepcional e afectuosa forma como nos acolheram e nos trataram. Fernando era acanhado quanto aos afectos, Maria de Jesus era expansiva e arrebatadora. De uma grande afeição. Muitos de nós éramos miúdos e encontrávamos neles um verdadeiro arrimo. Um ano depois, no rescaldo de uma vivência de 35 anos em Moçambique – onde vivera grande parte da sua vida, tivera filhos e escrevera livros –, ele despedia-se do país. Foi motivo para que eu realizasse uma longa e, talvez, uma das primeiras entrevistas literárias de que me lembro na minha vida.

No intervalo das aulas, muitas vezes, eu ia ao gabinete de Fernando Couto e ficávamos horas a fio a conversar sobre o ofício da poesia e os seus mistérios. Ele segredava-me alguns, do seu vasto saber. Falava-me dos seus poetas electivos. Citava-me versos como se fizesse confidências. Como se partilhasse revelações, sinalizando epifanias. Ou deixando fluir lampejos. Ali, naquela sala, os versos eram círios de uma confraria poética. Quando, em maio de 1988, fui entrevistá-lo para a *Tempo* tinha lido quase tudo o que ele até então publicara e seguira algumas das suas sugestões de livros, autores, leituras. Fernando Couto era um grande leitor de poesia. Um grande exegeta. Um sagaz intérprete. Um esteta acurado. Um poeta primoroso.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

Fernando Couto chegara à Beira em 1953 e fora na Beira, em 1959, que se estreara com o livro *Poemas Junto à Fronteira*, aos 35 anos. Nesse mesmo ano, Rui Knopfli publicara *O País dos Outros*, título provocatório do seu livro de estreia. Aliás, será Knopfli a fazer-lhe um dos primeiros e mais assertivos elogios: “Eis a beleza que encontro nos versos de Fernando Couto, a nobreza hierática e profunda das velhas catedrais, a sombria angústia das naves húmidas e a sua esperança, a ténue esperança que uma luz de vitral coa até nós”.

Relendo-o, hoje, cotejo uma influência antiga que então me escapara: a do poeta americano Walt Whitman. O seu primeiro livro é muito whitmaniano. O grande poeta da fraternidade e da esperança, autor de *Folhas de Relva*, vate da revolução americana e inventor do verso livre, celebrava e sonhava um mundo fraterno. Em *Poemas Junto à Fronteira*, o profundo humanismo e a esperança no porvir (vivia-se o tempo ulterior à Segunda Grande Guerra) dominam o lastro dos versos de Fernando Couto, largos na sua estiva e completitude: “sinto-me a dispersão dos braços da estrela do mar/ e ecoam-me no interior de búzio todos os gritos”.

O segundo livro, *Jangada de Inconformismo* (1962), surge três anos depois. “Nasci em Abril de 1924/ e pouco depois de eu brotar da terra/ uma nuvem escureceu o Sol/ e guardou-o no bolso de sobrecasaca”. O tom muda. O título, a esta distância, parece ousado. Nele não se omite o desencanto. Os poemas trazem ainda o fôlego whitmaniano. África e a sua paisagem “em chamas de amarelo e rubro íntimos” irrompem na sua escrita: “a terra de África abre a flor de duas pétalas rosáceas”. Audaz não só o título, mas a indagação que a obra transmite. Já não se trata de um poeta que apenas estende a sua solidariedade, mas que se assume numa interrogação derogante: “Que rios te correm na voz/ Paul Robeson?/ Que marulhantes graves e longos/ rios é o teu canto/ Paul Robeson?”

Noémia de Sousa, em 1950, escrevera um dos seus mais emblemáticos poemas: “Deixa passar o meu Povo”: “Mas vozes da América remexem-me a alma/ E Robeson e Marian cantam para mim/ spirituals negros de Harlém./ “Let my people go”/ – oh deixa passar o meu povo!/ deixa passar o meu povo! – / dizem.”

Veja-se: estão aqui os mesmos referentes da geração fundadora da moderna poesia moçambicana. *Jangada de Inconformismo* interpela um mesmo tempo porvindouro e tenta derruir a mesma situação ominosa. Neste livro, Fernando Couto haveria de se tornar, fatalmente – digo-o, com afoiteza –, um poeta moçambicano. José Craveirinha dedica o poema “Mesmo de rastos” a Fernando Couto: “Mesmo depois/ eu quero que me escutem/ na razão da minha voz insepulta/ e viril como um punhal// E que a terra apenas cubra/ a memória dos gestos inconclusos/ e não o sopro incontido/ dos gritos que eu gritar/ no túrgido silêncio das manhãs/ carregadas do mênstruo com que nascem”. Lutam, pugnam, contendem, propugnam por uma mesma condição, numa mesma pátria. “E na minha humana condição/ a morrer insubmisso/ e a gritar vou/ como as ondas que nascem das ondas do mar/ e morrem para se renovar”.

Fernando Couto não se resigna nem desiste da contenda na sua *Jangada de Inconformismo*. No poema “O medo e a esperança” escreve: “Quero perguntar-te e não sei os gestos/ nem as palavras mágicas ou compreensíveis/ para conjurar a mancha do medo/ que ensombra o teu rosto esculpido em negro// Não sei os gestos e as palavras mágicas/ e todavia não desisto e procuro/ certo de haver uma ponte praticável/ entre os meus e os teus olhos erguidos”. Aqui não se trata apenas do homem solidário do livro primeiro, mas está o poeta comprometido. Há uma causa subsumida. Ou melhor: subtendida. A mesma causa de Noémia de Sousa ou de José Craveirinha. A mesma insubmissão, a mesma rebeldia, a mesma subversão.

Eugénio Lisboa – que faleceu recentemente – referindo-se ao livro *O Amor Diurno* (1962) não se furtava a entusiasmados encómios: “Fernando Couto ama alucinadamente as formas, ama o gozo de as amar, revê-se nesse gozo, requinta-o, afina-o, remira-o, procura-lhe alternativas ansiosas e mais perfeitas, substitui-as, experimenta-as, larga-as provisoriamente, retoma-as...”

Lisboa era dado a mofinas verrinosas. Mas era generoso quando elogiava. “*O Amor Diurno*”, escreverá o autor da intrépida *Crónica dos Anos da Peste*, “é um livro de franca exaltação amorosa, melhor: de exaltação da beleza e do prazer. É um livro de um esteta, de um amante inequívoco da beleza, do gozo sensual...”

O corpo, o desejo, a volúpia. Logo nos primeiros versos: “anémoma sensual/ aberta ao sol a prumo”. Veja-se-lhe o apuro e a estética destes dois versos. Mas há mais. “O teu sexo radioso/ é uma ínsua doirada/ marcando a foz do teu corpo”. Ou: “E o teu sexo será/ corola deslumbrada/ ao Sol/ depois da noite”. Belo poeta.

Feições para um Retrato (1971), a obra consecutiva, é uma espécie de um poema único em vários cantos breves: “O rumor da água na tua voz/ é um fio de música no teu andar”. Outra vez o corpo, o êxtase, o amor. A necessidade do canto e a tristeza ineludível. Ou um “aprumado grito” na “agreste paisagem de dunas”. Ou ainda: “E, amando-nos,/ avivamos o traço esguio e sinuoso/ dessa fímbria de encontro de morte e de vida”.

Poeta bissexto, Fernando Couto só voltará a publicar vinte e cinco anos depois. “Ama de novo para de novo perder” escreverá em *Monódia* (1996), esse longo solilóquio. Livro que também tem o “irreprimível fascínio da asa”, ou a savana, ou o deserto, ou ainda os rios. A solidão e os exílios, regressos e deslumbramentos. As praias, o mar. Os filhos. A Beira. Todo esse “halo de ternura” de um poeta para quem nenhum país é estranho: “Emigrante da alma fazendo pátria”. Poemas de várias épocas, datas ou circunstâncias, mas nunca arredados da sua filigrana que fazem de Fernando Couto um grande poeta: “Toda a luz em redor/ se despenha nos teus olhos/ e irisada incendeia/ todo o ar que te rodeia”. Ou quando evoca a mãe: “Assim nos contemplavas,/ atenta e lúcida, carinhosa e distante,/ com velado pudor dissimulando/ um delicado e candente amor magoado”. Isto é pungente. Ou quando, no mesmo livro, escreve: “A mão de Deus moldando a curva do seio/ a mão humana traçando a curva da ogiva”. É de uma beleza indubitável.

Livro de fascínios, encantamentos e desencantos, eis o título que anuncia a obra subsequente: *Os Olhos Deslumbrados* (2001): “Do fascínio ao desencanto/ o pequeno passo, inevitável,/ dado sem cólera nem desalento/ em serenidade e lucidez.// E de novo o regresso ao fascínio/ em limpidez sem mácula,/ serena, sem mágoa, apesar do ciclo...”. Este livro é mais “um lampejo de ternura”, atravessado por alguma melancolia ou nostalgia: “A melancolia é o rio do passado/ e o olhar o suave desencanto/ todo nimbado de ternura/ de quem muito amou e foi amado.”

Esta ternura compungida denuncia o Outono da vida, a sua “incurável melancolia”. O amor, sempre. No poema “Esposa” dedicado à musa Mary (a sua Maria de Jesus) escreve o poeta: “Trazes contigo oculto o Sol/ emergindo com ternura dos teus olhos/ iluminando tudo quanto vês”. Numa sequência, três anos depois, estes esplendentes versos do mesmo poema: “Deus ao céu roubou/ duas estrelas/ e com elas fez teus olhos”. O esplendor do lirismo. A beleza das imagens. O tropo. A metáfora. Um lirismo despojado. Nele canta a Primavera (“a prenunciada Primavera”), como designa o Outono e as suas névoas: “Há um júbilo interior e secreto/ e nimbado de nostalgia/ fora e dentro de nós,/ interior e secreto/ e contudo visível”.

É um livro disfórico este *Os Olhos Deslumbrados* em oposição a *O Amor Diurno*: “Tão discreta, tão frágil, tão efémera,/ assim me encanta e me comove/ esta límpida alegria, tão leve, tão clara,/ nascendo flor de jacarandá, tão frágil e discreta”, escreverá num poema (da série “Africanos”) dedicado a Glória de Sant’Anna. Segue a mesma caligrafia, está no mesmo cálam, contudo é mais nublado. A despeito, é também um livro de cintilações. Uma delas está num poema escrito na e sobre a Ilha de Moçambique: “Nenhum sinal de vida, nenhum/ rumor ou brisa, aroma ou ave.../ apenas o canto das cigarras, o canto/ infinito e incansável”. Nada faria supor tratar-se da mítica ilha dos poetas, não fosse a data e o lugar e a desinência do brevíssimo e belo poema (“Sesta”): “O sol parou e o mar adormeceu/ na quietude luminosa do silêncio”. Belíssimos versos que sempre escaparam aos atentos exegetas da mitologia da Ilha. Alberto de Lacerda, no seu esplendoroso *Exílio*, sentira o mesmo: ““Ilha onde os cães não ladram e onde as crianças brincam/ No meio da rua como peregrinos/ Dum mundo mais aberto e cristalino.”

É também o mais africano livro de Fernando Couto, ali onde: “sem dimensão/ é rio deslizando/ lento, lento, lento/ sem caudal, sem margens,/ mais lago do que rio.// Ao calor diurno/ as conversas mansas/ no terreiro calmo.” Curiosamente, Sebastião Alba confessara em “Almoço à zambeziana sob uma árvore”: “Conto as anedotas que oiço/ noutras reuniões,/ aos meus amigos de subúrbio,/ os menos designados. E nenhum ri.”. Fernando Couto teria outra fortuna nas suas ágoras: “Ao luar e à fogueira,/ histórias sem fim/ e sem fim os mistérios,/ sensuais as danças/ e os rituais do sexo”.

Nas muitas conversas que tínhamos era frequente falarmos de Eugénio de Andrade, um poeta que povoou a minha juventude literária, e que era um dos poetas portugueses que ele mais admirava e o haviam influenciado. Era dos seus autores electivos. Aliás, não esqueço nunca estes versos de Eugénio de que eram igualmente caros a Fernando Couto: “Estou de passagem:/ amo o efémero.”

Da lavra de poetas portugueses que o tinham entusiasmado poderia incluir Antero ou Pessoa. Fernando Couto era de uma grande erudição, embora não fizesse gala nisso, nem a exibisse. Paul Éluard era a grande influência dos poetas franceses que ele sofrera, a par de Louis Aragon ou Supervielle (Jules Supervielle, poeta francês nascido no Uruguai, que eu não ouvira falar até à data). Mas havia muitos poetas que ele admirava, que ele lia, e alguns tantos que ele traduzia. E ele traduzia-os primorosamente. Não me falara de Walt Whitman. Conjecturo, a esta distância, que tenha sido uma influência que ele haveria de enjeitar com o tempo. Aliás, a sua poesia deixaria de ser abundante e era dominada por uma economia de palavras e de imagens. Os poemas passam a ser curtos, como fulgurações, cintilações, epifanias.

Naqueles anos em que a revolução catapultava todos os entusiasmos e estava na origem de muitos equívocos – como definir funções iminentemente patrióticas para a poesia –, ele ensinou-me que esta (a poesia) deveria dar livre curso à experiência mais profunda do ser humano. E disse-me algo que até me deixou estupefacto: “os poetas são loucos.” A poesia para ele resultava desse ímpeto interior, dessa necessidade de dar voz ao mais profundo do ser humano, muitas vezes às cegas e de forma imperiosa, impetuosa, posso eu acrescentar agora. A poesia era algo que vinha do mais arraigado do seu ser. Disse-me então Fernando Couto e eu anotei: “Acredito, como Maomé, que os poetas são loucos, que fazem e escrevem loucuras e andam por caminhos ínvios como cegos.”

Falámos longamente da Beira onde coordenou um suplemento literário do *Diário de Moçambique* e onde foi, com Nuno Bermudes, impulsor das coleções *Prosadores* e *Poetas de Moçambique*, levadas a cabo no *Notícias da Beira*. Foi uma actividade importante. Os livros de poesia eram de uma grande beleza. Editou poetas como Glória de Sant’Anna (*Poemas do Tempo Agreste*) ou Rui Knopfli (*Máquina de Areia*). Pertenceu ao grupo que criou o Cine-club da Beira, participou da criação do auditório-galeria da cidade, onde se realizavam exposições, recitais, conferências; na emissora do Aeroclube tinha dois programas semanais, um deles com o nome de “Luar da Terra”, título que pilhara, por assim dizer, a André Breton.

Mas também foi um exímio tradutor. Ele chamava-lhe vício. Traduzira, entre outros livros, o mítico *Rubayyat*, do poeta Omar Khayyam (1048-1131). Disse-me Fernando Couto que amava e admirava este poeta persa que se rebelou contra o Islamismo, adoptando um hedonismo que poderia dever muito aos poetas e filósofos gregos, mas também aos poetas e filósofos árabes pré-islâmicos. Deleitara-se

a traduzir aquela poesia que é um cântico de amor à vida, lícido, amoroso, sensual e delicado. E, todavia, há quem tenha pretendido tomar *Rubayyat* como expressão do amor divino, quando, a seu ver, era exactamente o amor carnal e a sensualidade que o poeta persa celebrava. O mesmo que ele fizera em *O Amor Diurno*, afinal.

Naqueles anos, tentávamos atalhar um caminho da poesia lírica, do amor, da sensualidade, que estava nos antípodas do que fora o excuro poético moçambicano desde os primórdios da independência até então. Claro que havia excepções – Luís Carlos Patraquim (*Monção*) ou Mia Couto (*Raiz de Orvalho*), a meu ver, são paradigmas dessa excepcionalidade –, mas o tom geral e os ditames eram esses. Ouvi-lo discorrer assim era uma espécie de lenitivo. Senti que Fernando Couto, de algum modo, me dava os argumentos que sustentavam a via que nós, com alguma rebeldia, intentávamos. Hoje isto poderá parecer uma frivolidade, mas à época, o lugar da poesia chamada de combate, ou engajada, ou mesmo revolucionária, o lugar dessa poesia era inequivocamente decisivo. Sendo que nós, alguns de nós, víamos na poesia, lírica ou intimista, o percurso que queríamos fazer e, assim, estávamos a libertar-nos de um anátema. Um pesado anátema.

Para mim, aquela conversa com o poeta Fernando Couto teve o condão de me animar, ainda mais, a prosseguir esse caminho. Aliás, Fernando Couto, que também coordenara, anos mais tarde, no *Notícias*, em Maputo, um outro suplemento literário, era um homem que prezava a exigência e a qualidade artística da expressão literária e não se deixava amarrar aos ditames da revolução. Antes pelo contrário. Era um exegeta, disse-o e repito. Nas páginas daquele diário publicou, entre outros, dois jovens promissores que morreram precocemente: Isaac Zita (1961-1983) e Brian Tio Ninguas (1961-1987).

Isaac Zita foi a primeira grande revelação na ficção no pós-independência. Morreu com apenas 22 anos quando frequentava a Faculdade de Educação. Nascido em 1961, publicou contos no *Notícias* e na revista *Tempo* (por iniciativa de Albino Magaia, que escreveu um esplêndido prefácio, anos depois, ao seu livro póstumo *Os Molwenes*). Morreu em 1983. Fernando Couto: “O Isaac Zita possuía um sentido de contista que considerei e considero espantoso, incomparável por se tratar de um jovem proveniente do ensino técnico, tão tímido quanto modesto, tão inexperiente da vida, tão quedado dos ambientes ditos culturais!”

Brian Tio Ninguas, pseudónimo do jornalista Baltazar Maninguane, pertencia ao quadro do *Notícias* quando morreu prematuramente em 1987. Permanece inédito em livro, há poemas seus publicados por Manuel Ferreira na revista *África* e está antologado em Moçambique. A morte comete estas injustiças: atira-nos para o esquecimento.

Este era o poeta Fernando Couto que se revelava de corpo inteiro naquela ocasião. Trinta e cinco anos depois de Moçambique, retornava a Portugal. Não foi por muito tempo, felizmente. Em meados dos anos 90, Mia Couto, Manuela Soeiro (do

Mutumbela Gogo), Ricardo Timane (perecido, infelizmente) e eu próprio formámos uma sociedade editorial que se associou à Caminho – a Ndjira. Fernando haveria de regressar de Portugal e juntar-se ao projecto. Quando foi preciso encontrar um editor a tempo inteiro, ali estava ele com toda a sua generosidade, a sua imensa cultura e o seu avisado saber.

Poeta nimbado de esperança desde o seu primeiro livro (*Poemas Juntos à Fronteira*), num tempo precário e desconcertante, em busca de uma humanidade mais justa, com poemas largos como a sua ampla fraternidade, cedo Fernando Couto irá conhecer a disforia do desencanto e procurará na sua *Jangada de Inconformismo* contraditá-la. O amor, a sensualidade e o corpo em *O Amor Diurno* poderão ser uma espécie de evasão desse tempo ingeneroso. Essa fuga do poeta, por assim dizer, que se exila num monólogo (*Monódia*) longo consigo próprio, entre os seus exílios, deslumbramentos e desencantos, seja no lugar das origens ou nas paisagens africanas, que impregnam a sua obra (toda, mas sobretudo *Os Olhos Deslumbrados*) de uma ternura, ainda que magoada, incapaz no entanto de se entregar à desesperança ou à ruína da esperança. Afinal, Fernando Couto fora sempre um poeta da ilusão, do sonho, da crença. A sua poesia é um crédito ao futuro. Uma profissão de fé. Navegou sempre na mesma jangada em busca dessa fronteira. Entre o primeiro e o último livro há uma espécie de solstício. É um ciclo poético harmonioso, coerente. É o arco da sua biografia, da sua vida e do seu destino.

Fernando Couto: “Por isso canto poemas algo inesperados/ opacos sussurrantes e gratuitos como ventos/ que todavia transportam invisíveis esporos/ de sentido fechado como ouriços do mar/ de agudos espinhos para mãos inábeis/ e escondendo por dentro limas de esperanças”. Este poema de a *Jangada de Inconformismo* diz quase tudo da biografia poética de Fernando Couto. Em 2007 publicou uma antologia poética, *Rumor de Água*, que é uma espécie de breviário. Lá está o melhor da sua *ars poetica*.

Fernando Couto era um homem de uma grande elegância, de uma incomensurável sabedoria e de uma humildade desarmante. Não tinha soberba e, no entanto, era um grande poeta. Era um homem que amava poetas e partilhava esse amor ineludível pela poesia e pela vida. Era, diria até, de um grande humanismo. Viveu até ao fim fitando a vida com “os olhos deslumbrados”. Também aprendi com ele a deslumbrar-me com os “milagres da vida”, como ele queria neste belíssimo poema:

São estes ainda,
os olhos da infância,
deslumbrados,
deslumbrando-se
aos milagres da vida:
a intacta pureza das crianças,
os luminosos rostos feminis,

a limpidez das nascentes,
os cambiantes do fogo...
tudo, tudo quanto é beleza
ou lhe deslumbram beleza
os olhos deslumbrados.

Fernando Couto

A 10 de Janeiro de 2013, Fernando Couto apartou-se deste mundo. Tinha 88 anos. Nasceria a 16 de Abril de 1924. Passam agora 100 anos. Guardo-o ciosamente na memória, sobretudo pelas conversas quase secretas e subversivas (para mim) que tivemos, primeiro na Escola de Jornalismo, nos longínquos anos 80, mais tarde na Ndjira, ou noutros convívios literários, nos quais muito aprendi do ofício e da loucura de ser poeta.

KaMpfumo, 15 de Abril de 2024